

Panorama

Editor: Igor Natusch
igor@jornaldocomercio.com.br

IONATAS MARQUES/DIVULGAÇÃO/IC

ARTES CÊNICAS

Monólogo estrelado por Miá Mello, *Mãe fora da caixa* tem duas sessões no Teatro do Bourbon Country neste domingo



Olhar bem-humorado sobre a maternidade

Adriana Lampert
adriana@jornaldocomercio.com.br

Porto Alegre recebe, neste domingo, a montagem teatral *Mãe fora da caixa*, inspirada no best-seller homônimo de Thaís Vilarinho e protagonizada pela atriz paulista Miá Mello. A peça escrita por Cláudia Gomes (roteirista da Rede Globo e criadora do blog Humor de mãe) e dirigida por Joana Lebreiro terá duas sessões no Teatro do Bourbon Country (Túlio de Rose, 80): uma às 17h, com acessibilidade em Libras e audiodescrição, e outra às 20h. Os ingressos custam a partir de R\$ 39,60 e estão à venda pela plataforma Uhuu.

A trama do espetáculo se desenvolve no intervalo de cinco minutos em que uma mulher aguarda o resultado de um teste de gravidez no banheiro, e promove, com um olhar bem-humorado, um mergulho na agitação interna da protagonista. Segundo Miá, a escolha desse cenário específico funciona como uma metáfora do refúgio materno, onde a personagem projeta o futuro e recorda o passado. Em cartaz há seis anos, a produção acumula mais de 200 apresentações e um público de 120 mil espectadores. Para a atriz, a longevidade da peça se explica pela natureza do tema. “Perce-

bi que não é uma montagem que exige adaptação. Quando se trata de maternidade, não tem pautas que ficam antigas. Todos os dias alguém se torna mãe, todos os dias nasce uma criança; é um assunto não perecível”, observa. Além do acolhimento feminino, o espetáculo tem provocado reações positivas no público masculino. Miá relata ter sido abordada por homens que afirmaram ter mudado a percepção sobre suas companheiras após assistir à peça. “O riso te deixa vulnerável para receber informações mais difíceis. Com humor, o conteúdo entra de um jeito diferente”, avalia.

A ideia de montar *Mãe fora da caixa* surgiu a partir de uma conversa da atriz com o ator e produtor Pablo Sanábio, que idealizou o espetáculo após ler a obra de Thaís. Miá relata que o convite ocorreu quando ela buscava aliar a arte a um propósito, após o nascimento de seu segundo filho. “Eu já estava com 36 anos e queria encontrar um lugar especial para colocar minha energia artística. Morávamos no Rio de Janeiro, e na mesma época meu marido recebeu uma proposta para trabalhar em São Paulo. Ele argumentou sobre a vantagem de mudarmos, pois teríamos rede de apoio com os pais dele”, recorda a atriz. Sobre o período pós-parto, ela afir-

ma: “Estávamos muito sozinhos, e eu ainda com minha solidão materna e a revolução hormonal típica desse período - ao contrário do que se diz, é bem mais puxado do que os primeiros 40 dias após o parto. O que acho mais bonito é que o assunto maternidade é para todo mundo, pois mesmo que nem todos sejam mãe, todo mundo é filho de alguém”.

Miá recorda, ainda, que a leitura do livro que inspirou a peça foi imediata e reveladora para ela. “Mesmo com partes que não tinham relação com meus desafios, em todo momento a obra remetia à minha maternidade. Foi potente e nasceu da minha necessidade de falar desse assunto e estar nesse lugar; entendi que era de extrema relevância.” A atriz avalia que uma das maiores dificuldades da mãe contemporânea é o acúmulo de tarefas. “Temos essa sobrecarga mental provocada pela cobrança de ter que fazer um monte de coisas: ser boa mãe, ser boa profissional, ver as amigas, estar com o marido, ir ao mercado etc. Tem aquele bom e velho ditado que diz que, para criar uma criança, é preciso uma aldeia. E cada vez estamos mais isolados em uma ilha de nossas famílias modernas e individuais. A peça tem essa força de mostrar que não estamos

sozinhas de verdade. Eu começo dizendo que não é a minha história, mas que, sem dúvida, poderia ser. E pode ser a história de muita gente. Existe um grande poder de identificação.”

A construção do roteiro do espetáculo foi um processo de colagem entre as experiências com a maternidade vividas pela atriz, mas também pela diretora e pela roteirista (cada qual com uma história diferente sobre ser mãe), em diálogo com o livro e as redes sociais da autora. Miá conta que durante a criação, o grupo identificou coincidências em suas trajetórias, como o fato das três terem dois filhos com idades próximas, o que conferiu um tom autoral ao espetáculo. “Tem horas que o público não sabe se sou eu ou se é a personagem, e isso facilita abrir coisas íntimas em um lugar seguro”, comenta a atriz. “Em 15 dias, a Cláudia absorveu muito rapidamente a ideia e nos apresentou o primeiro tratamento, que nos emocionou muito, pois tinha um pouquinho de cada uma. Ainda que não abranja todas as questões em torno da maternidade, é uma peça que se torna bem universal e passa a reflexão de forma muito engraçada, com doses de humor ácido”, emenda.

Miá conta que o processo de ensaios foi um “mergulho verti-

cal e intenso”, realizado enquanto conciliava a rotina com os filhos pequenos. “Na época, tudo dizia para mim que não era o momento, mas nem cogitei não fazer. Me virei do avesso, a ponto de chegar em casa para colocar meu filho para dormir e sair para o teatro. Quando estreei, me senti parindo”, afirma a atriz, que define o espetáculo como um divisor de águas em sua carreira. “Quando comecei a fazer a peça, entendi que aquilo era um lugar de cura, apesar de este não ser o meu propósito na arte. Mas certamente encontrar coragem para falar de mim em alguns assuntos foi um ponto de virada. A troca com o público é algo muito simples, mas imensamente acolhedora: te faz se sentir pertencente - e, muitas vezes, na maternidade a gente se sente muito sozinha.”

A encenação conta com direção de movimento de Andrea Jabor e cenografia de Mina Quental, que utilizou tampas de vasos sanitários para criar uma parede de cobogós. O figurino, assinado por Bruno Perlatto e Mariana Safadi, acompanha a desconstrução da personagem, refletindo a confusão de identidade comum ao puerpério. A produção é da Bem Legal Produções e conta com recursos da Lei Rouanet, via Ministério da Cultura.